

Fascinio - Brasil Em Salvador, 12 NOV 1995 saudades do

intervencionismo

GAZETA MERCANTIL

Plano Real divide economistas

por Rodrigo Mesquita e
Maria José Quadros
de Salvador

O Plano Real está numa encruzilhada. Depois de quinze meses de estabilização, chegou a hora de o governo começar a lançar as bases da retomada do crescimento econômico. Este é o consenso da maioria dos participantes do XI Congresso Brasileiro dos Economistas, mas muitos deles estão céticos sobre a possibilidade de que essa retomada venha a ocorrer.

"O governo abriu mão de todos os instrumentos de política econômica que não o aperto monetário", diz o professor Paul Singer, da Universidade de São Paulo (USP). Sem uma queda nas taxas de juros e um ajuste no câmbio, o espaço para o crescimento será nulo. É fundamental, nesse aspecto, a recuperação de instrumentos de política fiscal. Antônio Carlos Porto Gonçalves, da Universidade Federal Fluminense (UFF), propôs a criação de um imposto sobre consumo com o objetivo de conter demanda e permitir a queda dos juros.

Na ausência dessa correção de rumos, os economistas traçam dois cenários, ambos pessimistas. No primeiro, o governo prossegue com a política atual e nesse caso seria inevitável uma crise fiscal (com a explosão da dívida pública) e cambial, com um desequilíbrio na balança comercial provocado pela retração das exportações. No segundo, evita-se a crise mas lança-se o País em uma recessão prolongada, deixando a economia numa situação de estagnação semelhante à vivida pela Argentina e pelo México.

A "Carta de Salvador", divulgada ao final do encontro dos economistas, pede a retomada imediata do desenvolvimento e reafirma a disposição da categoria em contribuir para esse debate. Nos últimos anos a discussão sobre alternativas de estabilização monopolizou a atenção dos economistas. Temas como desenvolvimento ou distribuição de renda passaram a um plano secundário, diz Maurício

Coutinho, da Universidade de Campinas (Unicamp). "É um avanço o fato de as pessoas, agora, começarem a discutir essas questões", acredita.

Coutinho lançou um alerta no Congresso, que contou com o apoio da Gazeta Mercantil. Nos próximos anos, diz ele, entre 30 e 40% dos brasileiros correm o risco de continuar excluídos do consumo básico. Qualquer política econômica, diz ele, tem que necessariamente passar pelo crivo da distribuição da renda. Mais pessimista ainda é a professora Maria da Conceição Tavares, economista e deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) do Rio de Janeiro: "Está se criando, no Brasil, uma situação de 'apartheid' com a migração das camadas mais pobres para uma situação de absoluta marginalidade", afirma ela. ■

(Ver relatório especial
sobre o Congresso
nas páginas A-8 a 10)